

Marcadores conversacionais em *Valentin*

Cibelle Correia da Silva

Mestranda da Universidade de São Paulo (USP) e funcionária do IF Fluminense

Campus Cabo Frio

cibellesilva@usp.br

Resumo

Uma das expectativas do aprendiz de espanhol (língua estrangeira) é conquistar a fluência na conversação. No entanto, muitas vezes, ele percebe um idioma “diferente” daquele que estuda quando conversa com nativos, assiste a filmes hispânicos e lê alguns textos literários. É importante apresentar ao aluno, as modalidades escrita e oral do idioma estudado. O estudo da língua oral coloquial pode ser feito a partir de *corpus* de conversações espontâneas. Mas também podem ser utilizados como *corpus* textos de ficção: textos literários ou diálogos de filmes, como faremos neste trabalho, analisando *marcadores conversacionais* em trechos transcritos do filme argentino, *Valentin* (2002).

Palavras-chave: Marcador conversacional. Conector pragmático. Análise da conversação. Oralidade.

Introdução

Uma das promessas feitas pelos cursos de língua estrangeira é a fluência na conversação, o domínio da língua oral. No entanto, muitas vezes, os aprendizes de espanhol (língua estrangeira) percebem um idioma “diferente” daquele que estudam quando conversam com nativos, assistem a filmes hispânicos e leem alguns textos literários.

Tal percepção mostra a importância de se mostrar ao aluno, que assim como no português, no espanhol também existem diferenças entre a língua oral e a escrita, e que a língua oral não é caótica, ela tem sua organização.

Essa pode ser descrita a partir de pesquisas sobre oralidade baseadas em *corpus* de conversações espontâneas. Mas também há a possibilidade de se estudar a presença da oralidade em textos de ficção: textos literários ou diálogos de filmes.

Nesses *corpi* recriados, diversas características do texto conversacional coloquial podem ser observadas: a entonação sugerida, a paralinguagem, os marcadores conversacionais, intensificadores, atenuantes, léxico reduzido, metáforas diárias, frases feitas e a alternância de turno.

Neste trabalho, analisaremos a partir da Análise da Conversação, Marcuschi (2003) e de estudos sobre o Espanhol Coloquial, Briz e Hidalgo (1988), Briz (2001), entre outros, um dos elementos mais típicos da oralidade: o marcador conversacional.

O *corpus* utilizado será o filme argentino, *Valentin* (2002), do diretor Alejandro Agresti. Os marcadores estão sublinhados e numerados e a análise dos mesmos se dá após o *corpus*.

As modalidades de uso da língua

Em *Oralidade e Letramento*, Marcuschi (2001) trata da importância das modalidades *escrita e fala* na sociedade.

Sabemos que a oralidade tem uma “primazia cronológica” sobre a escrita, pois todos os povos têm ou tiveram uma tradição oral. Por outro lado, a escrita, pelo modo como se impôs nas sociedades modernas, tem *status*, representando educação, desenvolvimento e poder.

Entretanto Marcuschi afirma que mais importante que apontar semelhanças e diferenças entre as modalidades, é tratar do uso das mesmas no cotidiano. Para ele, as línguas se fundam em usos e o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos da língua.

Para o autor, é central a eliminação da dicotomia entre fala e escrita, na qual a fala é vista como o lugar do erro e do caos gramatical, enquanto a escrita é o lugar da norma e o do bom uso da língua.

A hipótese que o autor defende supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos.

Situando gêneros textuais num gráfico com as modalidades fala e escrita, Marcuschi esclarece que há gêneros prototípicos das modalidades. A conversação espontânea é prototípica da fala, e um artigo científico é prototípico da escrita. Porém há os gêneros tidos como “mistos”, pois possuem características de ambas as modalidades.

Os trechos que serão analisados neste trabalho foram criados por um roteirista e são, portanto, pertencentes à modalidade escrita. Porém, como possuem elementos da oralidade, serão utilizados como objeto de estudo.

Sobre o corpus

O filme *Valentin* (2002), dirigido por Alejandro Agresti, retrata os problemas de um garoto, Valentin, de oito anos, que vive em um modesto bairro de Buenos Aires, com sua avó. O filme retrata de forma encantadora e bem-humorada o modo como Valentin se relaciona com sua avó, seu pai, seu tio e amigos, bem como suas dificuldades e seus sonhos.

Marcadores conversacionais

Como sabemos, a conversação não é um conjunto de turnos sucessivos e aleatórios. A organização no texto falado e sua coerência são construídas passo a passo pelos seus interlocutores, num processo colaborativo. Como afirma Marcuschi, a fala tem “sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informação, o que permite que se a tome como fenômeno específico” (*apud* FÁVERO, 1999, p.7).

Um dos elementos que colabora para a organização e coesão do texto conversacional coloquial é o *marcador conversacional* ou *conector pragmático*, como afirma Briz (1998, p.50):

Señalábamos como constante del español coloquial la ausencia de fuertes ataduras sintácticas en la relación de enunciados, lo que no significa ausencia de conexión entre estos. La citada conexión y, por tanto, cohesión del discurso coloquial se logra mediante otros recursos. Junto al ya señalado de las marcas prosódicas, destaca por su frecuencia el empleo de los denominados *conectores pragmáticos*.

Segundo Urbano (1999, p.85), os marcadores conversacionais são:

Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomática e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional.

Para Marcuschi (2003), os marcadores conversacionais podem ser subdivididos em três tipos de evidências: não-verbais e suprasegmentais e verbais.

Os recursos não-verbais, tais como: o olhar, o riso, a gesticulação, têm um papel fundamental na interação face a face. Estabelecem, mantêm e regulam o contato.

Os recursos suprasegmentais são de natureza lingüística, mas não de caráter verbal. Os dois mais importantes são: as pausas e o tom de voz.

Os recursos verbais, dos quais trataremos neste trabalho, operam com palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência, alguns não são lexicalizados. No espanhol, os seguintes signos e expressões são exemplos de *conectores pragmáticos* ou *marcadores del discurso*, conforme Briz (2001, p.167):

y, o, pero, además, incluso, es que, porque, aunque, ahora que, sin embargo, claro que, vamos (que), por cierto, oye, una cosa, lo que quiero decir, es decir, o sea (que), a ver si me entiendes, entonces, así (es) que, pues, en fin, bueno, en definitiva, total, pues nada, y nada, primero... segundo, ¿estás?, ¿entiendes?, ¿eh?, ¿no?.

Como afirma o autor, a classe dos conectores pragmáticos é uma classe funcional heterogênea, que engloba diferentes categorias gramaticais. No entanto possuem um papel similar: de conectar unidades de fala e de colaborar para a manutenção da conversação.

Briz e Hidalgo (1988), em *Conectores Pragmáticos y Estructura de la Conversación*, classificam-nos de acordo com a sua função: instruções da atividade argumentativa dos interlocutores e/ou traços da atividade formulativa. Denominados, respectivamente, de *conectores argumentativos* e *conectores metadiscursivos*.

Os *conectores argumentativos* podem possuir valores monológicos (formas de engrenagem de enunciados na intervenção de um falante) ou dialógicos (formas de engrenagem em intercâmbio de falantes). Segundo Briz (2001, p.180), os conectores pragmáticos como instrução argumentativa atuam como instruções da atividade argumentativa e permitem ao interlocutor interpretar os enunciados de outro falante como argumento para certas conclusões.

Os *conectores metadiscursivos* são formas que afetam a ordenação e organização da conversação. Segundo Briz (2001, p. 201), a função de tais conectores se vincula à organização da atividade discursiva; são traços de uma estratégia, de uma produção e formulação de mensagens, marcas da estruturação do discurso.

Nosso objetivo será, a partir desse referencial teórico (Análise da Conversação, estudos do Espanhol Coloquial na Conversação), analisar as funções que os marcadores conversacionais exercem nos trechos de *Valentin*.

Corpus

I. Diálogo entre Valentin (L2) e sua avó (L1)

A avó de Valentin é quem cuida dele. Neste diálogo, a avó pede que ele compre raviólis. Ela vai preparar o almoço, pois vão receber a visita do pai de Valentin.

L1	Valentin. (1) <u>Mira</u> , te vas a la fábrica de pasta y compras dos cajas de ravioles de ricota, y una bolsa de queso rallado.
L2	¿Chica o grande?
L1	Chica. Y volvés enseguida, (2) <u>eh</u> ¹ . Derechito para casa. No tardés. (3) ¿ <u>Entendiste?</u>
L2	Sí.
L1	Anda.

Com o uso do conector metadiscursivo (1) *Mira*, (*olhe*, em português), L1 marca o início de turno e de novo tópico. Nesse trecho, *mira* tem a função de chamar atenção para o ato ilocutório seguinte: a ordem, ato que o neto Valentin escuta com atenção.

Como sabemos, a função socializadora da comunicação se destaca em relação a outras no caso da conversação coloquial. Por isso, é constante a presença de marcadores que manifestam a relação entre os participantes da interação e destes com seus enunciados. São exemplos desses marcadores (2) *eh* e (3) (*¿Entendiste?*), definidos por Briz (2001) como marcadores metadiscursivos de controle de contato. O marcador *eh*, no trecho analisado cumpre a função de reforçar a exortação expressa por L1 (Volvés enseguida), e com *¿Entendiste?* L1 exige participação ativa do ouvinte, que responde afirmativamente a todas as exortações anteriores (de comprar os raviólis e de não chegar tarde).

Percebemos que é L1 quem faz uso de conectores pragmáticos para desenvolver tópicos, controlar o contato e manter a conversação. Trata-se de uma conversação assimétrica, relacionada neste caso à relação de respeito que Valentin tem com sua avó

¹ O conector *eh* não aparece na legenda.

e ao contrato conversacional estabelecido na interação entre eles, no qual a avó pode dar ordens que o neto deverá obedecer.

II. Diálogo entre Valentin (L2) e seu tio (L1)

Valentin tem um pai ausente, seu tio de algum modo, embora esteja somente de visita, “substitui” a figura paterna. Os personagens têm uma relação de amizade, o menino faz perguntas e conta segredos ao tio. Nesta cena, o tio vai dizer boa noite ao sobrinho e Valentin lhe conta um segredo.

L1	¿Vale? Valentin, ¿estás durmiendo?
L2	Habla bajito que la abuela está acá al lado.
L1	Sí, estoy hablando bajito, (1) <u>che</u> .
L2	(2) <u>Bueno</u> , (3) <u>pero también</u> tené cuidado con los pies. ¿Te puedo contar un secreto?
L1	Sí, dale. Contame.
L2	Hay una chica en el colegio que me gusta.
L1	¿En serio?
L2	Sí.
L1	¿Cómo se llama?
L2	Camila.
L1	Qué lindo nombre. ¿Qué te gusta de ella?
L2	El pelo. Los ojos.
L1	¿Y usa trencita?
L2	Sí.
L1	¿O mono?
L2	Algunas veces, sí.
L1	Si querés, yo te puedo ayudar a escribir una poesía.
L2	Sí.
L1	(4) <u>A ver</u> ... (5) <u>Éste</u> ... ² Querida Camilita Cada vez que te veo,

² O conector *este* não aparece na legenda.

	Me hace cosquillas la pancita (risas)
L2	No, tío. Sos un perro. En serio. Yo quiero tener una novia y me la vas a espantar.
L1	Sí, yo la voy a espantar. Hay que irse a dormir. Dale. ¿Te gustaría ir a la cancha mañana?

O termo *che* é uma marca do espanhol da Argentina. É assim definido pelo dicionário virtual da RAE (Real Academia Española):

che². 1. interj. *Val., Arg., Bol., Par. y Ur.* Usado para llamar, detener o pedir atención a alguien, o para denotar asombro o sorpresa.

O termo *che*, bastante recorrente na língua falada da Argentina, pode ser considerado como um conector pragmático. Veja as impressões de um falante argentino sobre as funções desse conector, ao responder em um fórum da Internet sobre o uso correto do *che*.

Re: Uso correcto del "che" (Argentina)

Hola Álvaro!

(...)Es rarísimo explicar el uso del "che" como si hubiera reglas gramaticales porque no las hay, sólo nos sale naturalmente...

Pero bueno che, si tanto insistís hagamos el esfuerzo entonces. Lo más común es que vaya al principio o al final, pero como habrás visto recién apareció uno en el medio...

Al principio: como vocativo, para llamar la atención de alguien. ("Che, ¿no viste mi saco por ahí?") o simplemente para reforzar ("Eh, che... no es para tanto!")

Al medio o al final: para dar más énfasis ("¡Qué calor, che! ¡No aguanto más!", "¡Pero que cosa, che, ya te dije diez mil veces que no apoyes tus cosas acá arriba!") aunque también puede ser vocativo ("Te estoy hablando a vos, che..." ¿o simplemente está dando énfasis...?)

Ojo, ni yo me tomaría todo esto como una regla... nosotros decimos che porque nos sale, no nos planteamos qué función cumple y a veces ni se puede explicar semánticamente.

A veces es para retomar el diálogo. "Che... ¿qué estaba diciendo?" Esto lo puedo decir a un grupo de amigos y no es que le estoy hablando a uno solo. "Che, qué macana..." ...puedo estar hablando sola y no es que me diga che a mí misma...

Perdoname si ahora estás más confundido que antes... fue mi humilde aporte al che argentino.

(Fórum do Word Reference: Che (Argentina): wordreference.com)

Embora de maneira intuitiva, o falante aponta que a função do *che* está relacionada à sua posição na unidade de fala e ao contexto. Aponta como suas possíveis funções: chamar a atenção, reforçar o que foi dito, ou retomar algum tópico. Trata-se, portanto, de um conector pragmático polivalente.

Após o pedido de L1 para que L2 fale baixinho, o marcador metadiscursivo (1) *che*, usado pelo tio (L2) é uma maneira de enfatizar sua resposta, e tranquilizar o sobrinho.

O segundo marcador metadiscursivo do diálogo é (2) *Bueno*, este funciona como um prefácio reformulador com o qual L1 precisa seu ato, além de pedir para falar baixo, acrescenta outro pedido por meio do conector argumentativo (3) *pero también: pero también tené cuidado con los pies*. Percebemos no diálogo que a argumentação de L1 visa a orientar o interlocutor para que a avó não seja incomodada.

Mais adiante, Valentin conta ao tio que gosta de uma menina do colégio. O tio, então, oferece ajuda para escrever uma poesia para ela e Valentin aceita. Os conectores (4) *A ver...* e (5) *Este...*, recorrentes no espanhol da Argentina, têm um papel retardatário. Fazem, no trecho analisado, com que L1 ganhe tempo para “criar” a poesia.

Temos nesse segundo diálogo uma conversação simétrica, dada a relação de amizade existente entre tio e sobrinho. Portanto os dois personagens fazem uso de conectores pragmáticos contribuindo igualmente para o desenvolvimento e manutenção da interação.

Conclusão

Nos primeiros estudos do espanhol falado, os conectores pragmáticos eram considerados como *expletivos* ou como *muletillas*, estas últimas definidas como palavras desnecessárias que se repetem muito na conversação por costume ou como apoio ao falar.

Atualmente, muitas vezes não consideramos a importância de tais elementos, a legenda do filme utilizado como *corpus*, por exemplo, não transcreveu alguns dos conectores analisados: (eh, este).

De fato, muitos marcadores aparecem sem significado, e destituídos de suas funções “normais”. No entanto, na maioria das vezes, desempenham um papel importante como conectores textuais e discursivos e contribuem à estruturação de uma conversação.

Por fim, sugerimos atividades baseadas em filmes nas quais trabalhemos esse elemento tão recorrente na língua falada coloquial, propondo que os alunos observem qual a função pragmática de tais conectores, e qual a sua importância para a coesão e

coerência de uma conversação coloquial. Além dos diálogos analisados neste artigo, acrescentamos na próxima página outro diálogo de *Valentin* e sugestão de atividade.

Imaginamos que propostas como essas podem colaborar para o ensino-aprendizagem desses importantes elementos da língua oral.

Actividad sobre conectores pragmáticos

Después de ver la escena en que Valentín charla con su amigo Rufo, analiza la función pragmática de los conectores pragmáticos subrayados.

Tras el análisis y el debate con los compañeros... En parejas: Elaboren un diálogo de acuerdo con la siguiente situación: Un amigo/amiga te cuenta que está en crisis con su novia/novio. Tú eres un buen amigo, vas a escucharlo con atención y también darle consejos. Usa por lo menos 3 de los conectores pragmáticos que aprendimos.

L2	Sí querés, probá.
L1	¿En serio?
L2	Sí, tomá.
L1	Es bueno, <u>che</u> .
L2	Está bueno, ¿ <u>no</u> ?
L1	¿Sirve para olvidar las penas?
L2	¿Qué penas tenés que olvidar vos?
L1	Uff, si supieras...
L2	¿Qué?
L1	La vida no es tan fácil, viejo.
L2	¿No es tan fácil la vida? ¿Por qué?
L1	El problema lo tengo con las mujeres.
L2	No me digas.
L1	¿Me estás cargando?
L2	No, no, contá.
L1	(<u>Y no</u>) a mí se me complicó el tema en que mi mamá y mi papá se separaron.
L2	<u>Ah</u> .
L1	¿Viste esa chica que andaba saliendo con mi papá?
L2	Sí.
L1	Me llevó a pasear. La que me regaló un camioncito.
L2	Sí, sí, me acuerdo perfectamente.
L1	Era tan linda que yo no le quería mentir.
L2	<u>Ah</u> .
L1	Me cagó la boluda.
L2	... ¿Por?

L1	(Y no) Porque tanto que la quería, le empecé a contar cosas y me cagó.
L2	<u>Ahn, ahn.</u>
L1	Le dijo todo a mi papá y mi papá se le agarró conmigo.
L2	¿Pero era tan, tan linda?
L1	Sí, qué lástima, ¿no?
L2	Sí.
L1	Es como decís vos. Los hombres somos más amorosos.

Referências

BRIZ, Antonio, HIDALGO, Antonio. Conectores pragmáticos y estructura de la conversación. In: *Los marcadores del discurso*. Madrid: Arco Libro, 1988.

BRIZ, Antonio. *El español coloquial: situación y uso*. Madrid: Arco Libros, 1998.

_____. *¿Cómo se comenta un texto coloquial?* Barcelona: Ariel, 2000.

_____. *El español coloquial en la conversación: esbozo de pragmatología*. Barcelona: Ariel, 2001.

DICCIONARIO Real Academia Española. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em: jun. 2009.

FÓRUM DO WORLD REFERENCE: Che (Argentina). Disponível em: <<http://www.wordreference.com>>. Acesso em: jun. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Luiz Antonio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.